

DOMINGOS, Cássia. A cultura popular no palco e as renovações da tradição – estudo de caso do grupo Maracatu Nação Pernambuco. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas; Mestrado; Catarina Sant’anna. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia; Bolsa de Mestrado.

## RESUMO

Este artigo visa contribuir para as discussões sobre os espetáculos da cultura popular na contemporaneidade, a partir do estudo de caso do grupo *Maracatu Nação Pernambuco*. Para tanto, as considerações feitas sobre o grupo foram baseadas na entrevista concedida por dois dos seus fundadores à autora deste texto, como parte da sua pesquisa para a dissertação de mestrado em Artes Cênicas. A partir disto, são considerados três pontos de análise: a apresentação, o trajeto e a concepção artística do grupo, que foi escolhido como recorte desta pesquisa por ter conquistado visibilidade nacional e internacional ao traduzir para o palco o maracatu de baque virado, tradicionalmente, dançado nas ruas.

**Palavras-chave:** cultura popular, Maracatu Nação Pernambuco, tradição, palco.

## RÉSUMÉ

Cet article vise à contribuer aux débats sur les spectacles de la culture populaire dans la contemporanéité, à partir d’une étude de cas sur le groupe *Maracatu Nação Pernambuco*. Pour ce faire, les considérations faites sur le groupe se sont basées sur une interview de deux de ses fondateurs à l’auteur de ce texte, dans le cadre de recherches d’une Maîtrise en Arts de la Scène. Trois points alors sont pris en compte dans l’analyse: la présentation, la trajectoire et la conception esthétique du groupe, qui a été choisi comme thème de cette recherche pour avoir réussi une certaine visibilité nationale et internationale, à partir du moment où il a mis en scène sur un plateau le traditionnel maracatu de baque virado dansé auparavant dans les rues.

**Mot-clés:** culture populaire, Maracatu Nação Pernambuco, spectacle, tradition.

O Maracatu de baque virado é uma manifestação da cultura popular pernambucana, sua estruturação se dá em forma cortejo no qual desfilam uma corte real repleta de figuras: rei, rainha, dama-do-paço, vassalo, príncipe, princesa, damas da corte, baianas, lanceiros, caboclos, porta estandarte, entre outras. É verdade que algumas dessas figuras variam de grupo para grupo de maracatu, enquanto outras são indispensáveis à manifestação, como os reis por exemplo.

Assim, pode-se dizer que existem inúmeras diferenças entre os tipos de maracatu, pois eles surgiram em territórios e contextos diversos, portanto, possuem características singulares. Contudo, o *Maracatu Nação Pernambuco* foi escolhido para este estudo de caso porque apresenta uma dinâmica de trabalho diferenciada dentro universo dos maracatus.

Neste artigo, em prol de um texto mais fluido, o nome do grupo, *Maracatu Nação Pernambuco*, será abreviado em M.N.P.

Também é importante destacar que este artigo faz uma aliança entre a percepção da autora e o olhar de dois dos fundadores do M.N.P., Amélia Veloso e Bernardino José, através de uma entrevista realizada com eles para o nº 22 da revista *Repertório Teatro e Dança*.

## **APRESENTAÇÃO: UM GRUPO DE ARTISTAS CÊNICOS E BRINCANTES**

As pessoas que compõem o M.N.P. possuem uma formação artística adquirida, em muitos casos, nas próprias escolas o grupo: *Escola Pernambuco* e o *Toque Leoa* - escolas de percussão -, e *Escola Viradança*. No entanto, os fundadores são formados no meio teatral e no meio da dança popular. Amélia Veloso é formada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e foi dançarina do *Balé Popular do Recife*<sup>1</sup>. Deste último grupo também veio Bernardino José.

Essa é uma característica, ainda, pouco comum no universo do maracatu de baque virado, pois na maioria dos grupos seus integrantes são brincantes sem uma formação artística fora das suas nações, as quais geralmente são sediadas em comunidades periféricas do Recife ou Região Metropolitana. Diante disto, vale ressaltar que o maracatu não nasceu na erudição.

É comum entre os grupos de cultura popular que seus integrantes se reconheçam antes como brincantes do que como artistas. Mas Bernardino José comenta que ao sentir o prazer do encontro com o grupo, a alegria de “colocar a personagem” – como ele mesmo diz - e sair para tocar maracatu, ele se sente brincante, mesmo tendo uma formação artística técnica.

Mas tanto Bernardino José como Amélia Veloso reconhecem o M.N.P. como um grupo de artistas cênicos. Mas, é importante ressaltar que o trabalho do grupo começou nas ruas e só depois eles perceberam que poderiam criar uma estrutura para apresentar também nos palcos, valorizando os elementos cênicos que já haviam atentado existir na versão das ruas.

A partir de então, o grupo criou uma associação para gerir os seus trabalhos, a *Sociedade Cultural e Carnavalesca Baque Livre Pernambuco*, que tem a função de administrar e captar recursos para o desenvolvimento e a manutenção das atividades do M.N.P.

Diante do exposto, fica claro que o grupo tem um perfil profissional em relação ao trabalho artístico desenvolvido e ao gerenciamento de suas atividades. Logo, são artistas cênicos, mas que, quando saem às ruas tocando e dançando em meio ao povo, também se sentem brincantes. Assim, entre a postura profissional e a brincadeira, o M.N.P. segue em seu trajeto.

## **A TRAJETÓRIA NAS RUAS E NOS PALCOS DO MUNDO**

---

<sup>1</sup> Grupo recifense de danças e folguedos populares idealizado por Ariano Suassuna e André Luiz Madureira na década de 1970. O grupo também atua como escola.

São 25 anos de história, logo seria um trabalho demasiadamente extenso relatar tudo o que o M.N.P. fez até aqui. Mas, no livro *Memorial imagem Nação: 20 anos Maracatu Nação Pernambuco* (2011), Bernardino José faz uma apresentação sintética e poética da trajetória do grupo, desde o desejo embrionário de ter um grupo de maracatu até as conquistas dos 20 anos de história considerados no livro.

Na obra citada acima, Bernardino José menciona que a ideia se consolidou em pleno inverno de Paris, no ano de 1987, quando ele viajava em turnê com o *Balé Popular do Recife*. Pouco depois, em 1989, o sonho de ter um grupo de maracatu começava a ganhar corpo no Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas de Olinda.

O grupo surgiu em um momento importante para a cultura popular local, pois há algumas décadas se desenrolavam movimentos em prol da valorização e da apropriação da cultura popular pela classe média. São exemplos o Movimento Armorial do Nordeste<sup>2</sup>, a criação do Balé Popular do Recife, o surgimento do M.N.P. e o despontamento do Movimento Mangue Beat<sup>3</sup>. Tais movimentos aconteceram na segunda metade do século XX, sobre esse período Stuart Hall reflete que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (HALL, 2006, p. 9).

Então, contrariando as sólidas localizações do passado, o grupo de artistas cênicos – entre eles alguns universitários – se reunia para ensaiar maracatu, visando a saída no carnaval de 1990. Inicialmente, os encontros aconteceram na casa de Amélia Veloso, desde então o M.N.P. passou por várias sedes até se abrigar no Mercado Eufrásio Barbosa.

O M.N.P nasceu com o nome *Grêmio Cultural e Carnavalesco Maracatu Nação Pernambuco* e a agremiação passou a realizar apresentações nas ruas, nos pátios, nas escolas, em eventos pontuais e nos teatros, tanto na Região Metropolitana do Recife, como em cidades do interior do estado. Não tardou muito até o M.N.P. começar a ganhar notoriedade e receber convites para apresentar seu espetáculo fora do estado e fora do país.

A partir da boa repercussão do *Nação Pernambuco* na cena cultural local e internacional, o grupo teve a iniciativa de criar os *Consulados e Embaixadas Nação para a Terra*, que, como define Bernardino José no já mencionado livro produzido pela Sociedade Cultural e Carnavalesca Baque Livre Pernambuco (2011), são “núcleos de interação sócio-cultural e artística, voltados para a inclusão social, cidadania, defesa ambiental, intercâmbio e mercado” (p.7), instalados em alguns lugares por onde passaram.

Sobre esses fluxos culturais entre países, Stuart Hall (2006) acredita que esse movimento possibilita a criação de identidades compartilhadas, gerando públicos consumidores - bem distantes um do outro - para as mesmas mensagens e

---

<sup>2</sup> Movimento essencialmente regionalista que buscou uma aliança entre o erudito e o popular. Foi criado na década de 1970 pelo pelo escritor e dramaturgo Ariano Suassuna.

<sup>3</sup> Movimento musical que surgiu em Pernambuco na década de 1990. O Mangue Beat ganhou notoriedade ao misturar ritmos regionais, como o maracatu, ao rock, ao hip hop e à música eletrônica.

imagens. Portanto, os povos estrangeiros passaram a compartilhar desse universo, formando grupos para vivenciar essa cultura no seu próprio território.

Mas, para Renato Ortiz (1994), o movimento de desterritorialização vai além dos novos produtos compostos, ele é a base para uma cultura internacional-popular. Desse modo, seria possível dizer que não é mais preciso ir à Pernambuco para vivenciar o maracatu?

É preciso ressaltar que as manifestações culturais populares possuem uma complexidade de singularidades que variam de acordo com características locais, tornando-se improvável reproduzir uma experiência raiz fora do próprio chão. Porém, os grupos de cultura local podem circular pelo mundo, motivando novas vivências e releituras.

### **A CONCEPÇÃO ARTÍSTICA DO MARACATU NAÇÃO PERNAMBUCO: UM PENSAMENTO ESTÉTICO SOBRE O POPULAR**

Dentro da Etnocologia - disciplina que se propõe a estudar as práticas e os comportamentos humanos espetaculares organizados -, o espetáculo do M.N.P., seja na versão de rua ou de palco, é um fenômeno substantivamente espetacular por se trata de um espetáculo propriamente dito. Mas, para além de qualquer categorização, o M.N.P. tem um produto cênico de palco baseado em um produto cênico de rua, ambos espetaculares.

Então, o primeiro<sup>4</sup> espetáculo do M.N.P. projetado para o palco foi o *Batuques do Nação*. Desde então foram aproximadamente seis espetáculos montados, todos baseados nas composições musicais de Bernardino José.

Embora o espetáculo para o palco do M.N.P. tenha como carro-chefe o maracatu de baque virado, também entram em cena outros ritmos pernambucanos – como o frevo, o coco, a ciranda, o cavalo marinho – entremeados pontualmente.

Além da miscelânea de danças pernambucanas, O M.N.P. também trouxe como novidade a utilização de instrumentos de sopro e de corda, que não são comuns nos grupos maracatu de baque virado da atualidade, mas que foram inseridos no espetáculo de palco do grupo. Quanto a isso, Bernardino José argumenta que a cultura popular é dinâmica e nunca ficou parada, assim, ao propor inovações, ele não está fazendo nada que não seja natural do brincante e do ator dentro do contexto da cultura popular.

A ideia de que a noção de popular é indissociável da noção de tradição, como a de que esta é oposta à modernidade, já não faz tanto sentido. Cancline (2008) considera que é possível pensar de outra forma a relação tradicional-popular, analisando sua interação com a cultura de elite e com as indústrias culturais, assim como é possível pensar no popular como resultado de processos híbridos e complexos. O autor segue sua linha de pensamento afirmando que a reelaboração

---

<sup>4</sup> Esse foi o primeiro espetáculo para o palco que incluía música ao vivo, canto e dança, organizados em um roteiro onde a dança e as personagens do maracatu eram valorizadas em cena. Antes o grupo já havia se apresentado em palcos numa perspectiva de show musical.

das tradições podem gerar prosperidade econômica e reafirmação simbólica, sem que, no entanto, a inovação seja o algoz da tradição.

Mesmo os maracatus tidos como “de raiz” vêm se atualizando administrativamente enquanto grupo, assim como em relação às suas propostas de espetáculo. Como exemplo disto, Amélia Veloso atenta que há pouco tempo atrás as mulheres não podiam tocar instrumentos nos maracatus e hoje elas são vistas tocando percussão em muitos grupos de baque virado. A compreensão das dinâmicas dos fenômenos culturais podem fomentar o que foi exposto acima pois:

[...] as ideologias são perecíveis, efêmeras. É esse aspecto que faz a grandeza das representações; assim elas acompanham gerações, exprimem seus desejos, suas nostalgias, seus projetos – e, a exemplo do que sucede a tais gerações, perecem, são ultrapassadas e cedem lugar a outros imaginários (MEFFESOLI, 2010, p. 101).

Ainda acompanhado o pensamento de Maffesoli (2010), é preciso compreender os fenômenos sociais nas suas complexidades, sem impor-lhes conceitos duros sobre o que são e sobre o que fazem. Mesmo porque, as realidades são relativas, assim, cada grupo tem uma história, uma formação e um modo de pensar sua prática que está em constante transformação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, não se trata de confrontar as práticas dos grupos de maracatu distinguindo-os segundo uma noção de legitimidade, mas de entendê-los nas suas especificidades. Logo, a Etnocologia, aliada aos estudos culturais, é um lugar interessante para esse tipo de análise nas Artes Cênicas.

Quanto ao M.N.P., vale ressaltar que o grupo pensa sua prática culturalmente, artisticamente e politicamente. Mas, fica claro que o grupo tem um sentimento de pertencimento em relação ao universo do maracatu, porque ele também se sente brincante nele.

Nesse sentido, é de grande valia para as pesquisas da contemporaneidade poder considerar que neste momento não é mais preciso ser uma coisa **ou** outra: da rua **ou** do palco, do povo **ou** da nobreza, do branco **ou** do negro, popular **ou** erudito.

Assim como é fundamental a compreensão do fluxo natural entre as práticas e o tempo. Esta assimilação pode “despir” as pesquisas do preconceito sobre os fenômenos culturais emergentes, podendo, a partir de então, abençoar o casamento entre o popular e o palco, bem como os seus frutos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BIÃO, Armindo(Org). **Etnocologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P & A Gráfica e Editora, 2009. 389 p.

CANCLINE, Nestor García. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2008. 385 p.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2010. 295 p.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1994. 234 p.

PATRICE, Pavis. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005, 483 p.

SOCIEDADE CULTURAL E CARNAVALESCA BAQUE LIVRE PERNAMBUCO.  
**Memorial imagem nação**: 20 anos Maracatu Nação Pernambuco. Recife: FacForm, 2011, 121 p.

#### **MATERIAL AUDIOVISUAL**

MARACATU NAÇÃO PERNAMBUCO – 20 anos. Direção: Alessandro Guedes.  
Produção geral: Amélia Veloso. Recife, 2011. 1 DVD (58 min.).colorido.



